

A EXPEDIÇÃO PORTUGUÊSA AO BRASIL EM 1501-1502 E AMERIGO VESPUCCI.

O único cronista português que dá notícia do envio, pelo rei D. Manuel, de uma expedição exploradora ao litoral brasileiro em 1501 é Antônio Galvão, na sua obra publicada em Lisboa em 1563 sob o título: **Tratado dos Descobrimentos**. O tópico do livro de Galvão fazendo referência à expedição ora em estudo é muito sucinta e diz:

“Neste mesmo ano de 501 e mes de Mayo partirã tres nauios da cidade de Lixboa por mando del Rey dom Manuel, a descobrir ha costa do Brasil, e foram a ver vista das Canarias, e da hí o cabo Verde, tomarã refresco em Beziguiche, passada a linha da parte do sul, foram tomar terra no Brasil em cinco graus daltura, e forã por ella ate trinta e dous pouco mais ou menos, segundo sua cõta, donde se tornaram no mes de Abril por auer lá frio, e tormenta poseram neste descobrimento a viagê quinze meses, por tornarem a Lixboa na entrada de Setembro” (1).

Como é fácil verificar, Antônio Galvão deu esta sumária nota de viagem da expedição de 1501, tomando-a ou da carta **Mundus Novus** ou da **Quatuor Navigationes**. O silêncio dos demais cronistas portugueses, tais como Castanheda, João de Barros, Damião de Góes, Gaspar Correa, Jerônimo Osório e outros sobre a expedição de 1501, bem assim a falta de qualquer documento nos arquivos portugueses provando a passagem de Vespucci por Portugal, levou o Visconde de Santarém a escrever a 15 de julho de 1826 a famosa carta a Navarrete, onde há este tópico:

“Nem nas chancelarias originaes del rei D. Manuel desde 1495 a 1503 inclusive, nem nos 82.902 documentos do corpo cronológico, nem nos 6.095 do corpo das gavetas, nem nos numerosos maços das cartas missivas dos reis e

(1). — Antônio Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, 3a. edição, Pôrto, 1944, páginas 150 e 151.

outras personagens aparece em documento algum o nome de Vespucci” (2).

Porém, hoje em dia, com as pesquisas feitas nos arquivos europeus, notadamente nos italianos, por ocasião da comemoração do quarto centenário do descobrimento da América, de que resultou virem à luz preciosos documentos que provam de modo irrefutável as viagens de Vespucci ao Novo Mundo e, particularizando, ao Brasil, todos os argumentos de que se socorreu Santarém para negar as viagens do Florentino, esboroam-se como um castelo de cartas. Das viagens atribuídas a Vespucci, a mais comprovada de tôdas é justamente aquela ao Brasil em 1501-1502.

Piero Rondinelli escrevendo de Sevilha para Florença, em 3 de outubro de 1502, dando notícia da chegada de navios que tinham ido à Índia, documento êsse existente na Biblioteca Riccardiana de Florença, diz:

“Amerigho Vespucci arem qui fra pochi di, el quale à durato assai fatiche e à 'uto pocho profitto, che pure meritava altro che l'ordine: é re di Portoghhallo arendò le terre **che lui dischopèrse** a certi Christiani nuovi, e sono obrighati a mandare ongni anno 6 navili a dischoprire ongni anno 300 leghe avanti, e fare forteza nel dischoperto e mantenella detti 3 anni, e'l primo anno non paghano nulla, e e'l secondo el 1/6, el terzo el 1/4, e fanno chonto di portare verzino assai e schiavi, e forse vi troveranno chose d'altro profito” (3).

Na carta que Giovanni da Empoli escreveu de Lisboa em 16 de setembro de 1504 a seu pai, residente em Florença, narando a sua viagem à Índia com Afonso de Albuquerque, documento êsse arquivado na Biblioteca Nacional de Florença, Códice Magliabecchiano, há uma passagem que diz:

“...e d'essa partiti (dall'isola Ascensione), et navi-chando pure in decta volta ci trovammo tanto avanti come la terra della Vera Crocie, è si nomata, **altra volta dischoperte per Amerigho Vespucci**, nella quale si fa buona somma di chassia e di verzino, altro di minera non habbiamo compreso” (4).

(2). — Navarrete (Martin Fernandez de), *Collección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV*. Editorial Guaranía, Buenos Aires, 1945, volume III, páginas 309 a 314.

(3). — *Raccolta Colombiana*, parte III, volume II, páginas 120 e 121.

(4). — *Raccolta Colombiana*, parte III, volume I, páginas 180 e 181.

Como acabamos de ver, existem dois documentos de indiscutível valor, fazendo claras referências à viagem de Vespucci ao Brasil, porém sem precisar a data da mesma. Mas o Florentino na carta a Lourenço de Pier Francesco de Medici, expedida de Cabo Verde a 4 de junho de 1501, esclarece que a partida da expedição foi de Lisboa, a 13 de maio desse ano.

Em 12 de outubro de 1502, Domênico Pisani, embaixador de Veneza na Espanha, enviou à Senhoria uma carta sumariando notícias que lhe foram transmitidas por Giovanni Francesco Affaitato, em carta expedida de Lisboa a 10 de setembro desse mesmo ano. Nesse despacho de Pisani há um tópico que diz:

“...le carovele mandate l'anno passà a scoprire la terra di Papagá o ver di Santa Croxe, a 22 luo erano ritornate; e il capitaneo referiva aver scoperte più de 2500 mia di costa nova nè mai aver trovato fin de ditta costa” (5).

Assim, pois, a carta de Pisani à Senhoria de Veneza confirma plenamente a de Vespucci ao Medici, isto é, a partida em 1501 de uma expedição portuguesa encarregada de explorar o litoral brasileiro, na qual o Florentino tomou parte.

Em 13 de novembro de 1515, realizou-se em Sevilha uma reunião dos mais famosos cosmógrafos e pilotos da Espanha. O que ocorreu nessa reunião vem narrado em documentos existentes na **Casa de la Contratación** e publicados por Muñoz e depois por Navarrete. Desses documentos consta que, pelo menos, entre os cosmógrafos e pilotos espanhóis, era notório ter Vespucci participado da expedição portuguesa enviada ao Brasil em 1501.

Vindo à baila nessa reunião a questão referente à posição geográfica do cabo de Santo Agostinho, foi por Sebastião Caboto, piloto-mor da Espanha, declarado o seguinte:

“Que hasta verse el dicho cabo de S. Agustin, é correrse la costa hasta los términos que estan limitados por el Rey nuestro Señor y el Rey de Portugal no se puede determinar cosa ninguna que bien determinada sea, si no da crédito à una navegacion que Amerigo, que haya gloria, hizo, que dice que partió de la isla de Santiago, que es à cabo Verde al poniente al susudueste 450 leguas, é dici así: que hallándose em 8º pudiendo poner por el ueste la proa, que se habrá doblado el cabo. Lo cual creo ser así, por quanto el mismo lo tomó el altura en el dicho cabo, y era hombre bien experto en las alturas”.

(5). — Marino Sanudo, *Diari*, volume IV, Veneza, 1880, col. 485.

João Vespucci, sobrinho de Amerigo, interrogado disse por sua vez o seguinte:

“Digo que el cabo de S. Agustin esta 8° de la linea equinocial hácia el sur... é esto lo digo por dicho de Amerigo Vespucci... que fué allá dos viages al dicho cabo, é allí tomó el altura muchas veces, e desto tengo escritura de su mano propria, cada dia por qué derrota iba, é cuántas leguas hacia; é dice que se corren con la isla de Santiago nornordeste sursudueste, é hay 420 leguas. Así que, señores, si S. A. quiere, por este dicho de Amerigo se podrá averiguar; é si no hay otro remedio, que S. A. arme una carabela é otra el Rey de Portugal, é que se envie á ver lo cierto”.

Nessa mesma reunião, Nuño Garcia declarou o que se segue:

“Que se debe dar crédito á Amerigo... el cual fué al cabo de S. Agustin, y tomó su derrota desde la isla de Santiago, que es al occidente del cabo Verde al sussudueste 400 leguas y mas 50: y me decia muchas veces que podia poner el cabo en 8°, haciendo yo cartas en su casa” (6).

Quanto à cartografia, temos o planisfério de Cantino que, como sabemos, foi desenhado em 1502 em Lisboa e por cartógrafo português, provavelmente oficial, como diz Duarte Leite (7). Esse mapa que foi o primeiro a ser desenhado após a arribada de Cabral em Pôrto Seguro, evidencia que, depois de ter êste capitão-mor aportado no Brasil, houve uma viagem de exploração ao litoral brasileiro por frota portuguesa, desde um ponto denominado cabo **Sam Jorge**, que ora identificam com o cabo Santo Agostinho, até o de **Scta Maria** ou **Scta Marta** que está aproximadamente a 26 graus de latitude sul.

À vista do que até agora temos exposto, podemos afirmar que Vespucci partiu de Lisboa em 1501 com uma expedição portuguesa que ia explorar o litoral brasileiro, e que dessa viagem regressou em 1502.

O estudo das viagens do Florentino constitui uma série de intrincados problemas a serem resolvidos, devido às inúmeras lacunas dos documentos que delas se ocupam. Com referência àquela de que ora nos ocupamos, a de 1501-1502, importa considerar: qual tenha sido o seu comandante; se teve ou não cunho

(6). — Navarrete, obra citada, edição argentina, volume III, página 319 e 320.

(7). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, volume II, página 426.

oficial; qual a extensão do litoral atlântico da América do Sul por ela percorrido; que papel nela representou Vespucci.

Tratando-se do nome do comandante, nada de positivo se sabe, apesar das mais acuradas investigações até hoje feitas. Os panegiristas de Vespucci apontam-no como o comandante. Capistrano de Abreu é de opinião que foi André Gonçalves. Varnhagen crê que tenha sido D. Nuno Manuel. Outros indicam Gonçalo Coelho ou Gaspar de Lemos. Não temos a pretensão de poder indicar um nome para o comandante dessa expedição e defender de modo convincente essa nossa opinião. Mas conjectura por conjectura, não deixa de ter cabimento ter sido o comandante quem levou a boa nova da arribada de Cabral ao Brasil e quem conhecia o caminho de ida e volta, isto é, Gaspar de Lemos.

O professor Duarte Leite não podendo negar que da expedição portuguesa enviada ao Brasil em 1501-1502 participou Vespucci, procura de modo habilíssimo diminuir os seus méritos, sustentando uma tese muito arriscada, qual seja a de ter a expedição em apreço sido estipendiada pelo mercador e banqueiro florentino residente em Lisboa de nome Bartolomeu Marchioni de parceria com cristãos novos (judeus conversos), tendo sido o comandante Fernão de Noronha. Para chegar a essa conclusão Duarte Leite procura identificar uma ilha de nome **Quaresma** assinalada a cerca de 9 graus de latitude sul, no planisfério de Cantino, com a atual Fernão de Noronha e, desse modo, atribui a sua descoberta à expedição comandada por Noronha que, de torna-viagem a Lisboa, avistou essa ilha nos últimos dias da **quaresma** de 1502 (8).

Percebe-se facilmente que, para o notável historiador, é grande desdouro à história dos descobrimentos marítimos dos portugueses ter um estrangeiro, como Vespucci, tomado parte numa **expedição oficial** enviada ao Brasil pelo rei D. Manuel com o objetivo de demarcar o seu litoral.

A ilha Fernão de Noronha está a 3 graus e 52 minutos de latitude sul e **Quaresma** a 9 graus. Aquela afastada do litoral brasileiro 60 léguas e esta quase que o dôbro, isto é, 104 léguas. Ora, como não é admissível em hipótese alguma que os pilotos portugueses, no dizer de Duarte Leite, “os mais peritos de quantos então sulcavam os mares”, tivessem fornecido dados tão errados ao cartógrafo que desenhou o mapa de Cantino, somos propensos a admitir que se trata de uma ilha ima-

(8). — *O mais antigo mapa do Brasil*, na “História da Colonização Portuguesa do Brasil”, volume II, páginas 253 a 255 e 275 a 279.

ginária, pois convém pôr aqui em relêvo que, exclusão feita do planisfério de Cantino, **nenhum dos mapas portugueses ou de protótipos portugueses, como os de Cavério, Kunstmann II e King-Hamy, desenhados antes de 1503, que é o da descoberta da ilha Fernão de Noronha, assinala essa ilha.**

Nós sabemos pelo relatório de Lunardo de Ca'Masser, escrito de 1506 a 1507, cujo texto e tradução se encontra no volume da Academia das Ciências de Lisboa, comemorativo do IV centenário do descobrimento da América, que Fernão de Noronha era concessionário e associado de cristãos novos que arrendaram a "Terra de Santa Cruz". Por outro lado, pela carta que Piero Rondinelli enviou de Sevilha em 3 de outubro de 1502, já por nós aqui citada, fica evidenciado que êsse arrendamento foi pelo prazo de três anos. Como D. Manuel ao conceder a 6 de outubro de 1503 certos privilégios a mercadores alemães, diz que o contrato de arrendamento de Fernão de Noronha terminava em 1505 (9), segue-se que êsse contrato só poderia ter sido firmado nos últimos meses de 1502. Acresce esta circunstância: não é admissível que Noronha e os cristãos novos assinassem o contrato de arrendamento da "Terra dos Papagaios", submetendo-se às cláusulas de grande responsabilidade que conhecemos, sem que previamente tivessem notícias seguras dessa região e do que nela podiam explorar com objetivo de lucros. Portanto, só depois do retôrno da expedição de 1501-1502, da qual tinha Vespucci participado, é que o contrato foi firmado entre as partes interessadas, e só depois disso é que Noronha partiu para o Brasil.

Tudo induz a admitir que a expedição de Noronha zarpou de Lisboa no comêço de 1503 para a "Terra de Santa Cruz", pois os últimos meses do ano de 1502 eram impróprios para uma navegação a essa região, visto que, como diz Duarte Leite,

"a experiência portuguesa da travessia atlântica recomenda seu comêço no decurso do primeiro semestre; e neste período partiram tôdas as armadas da Índia, às quais o **Esmeraldo** aconselha o primeiro trimestre, dando preferência a fevereiro" (10).

E' bem provável, pois, que Fernão de Noronha, tendo partido para o Brasil no decurso do primeiro semestre de 1503, tenha a 24 de junho dêsse ano descoberto a ilha de **São João**,

(9). — Arquivo da Tôrre do Tombo, *Chancelaria de D. Manuel*, livro XXII, fô-lhas 25.

(10). — *Duarte Pacheco e o Brasil*, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, 7 e 14 de julho de 1929.

hoje Fernão de Noronha, que lhe foi doada a 16 de janeiro de 1504, com a declaração de que a tinha recentemente descoberto (11).

As notícias que então tinham, principalmente em Portugal, da terra onde arribou Cabral na sua viagem para Calicute, não eram animadoras. Os seus habitantes eram selvagens que viviam completamente nus. Quanto à existência de metais, preciosos ou não, nenhum sinal. Abundância só de pau-brasil, papagaios e macacos. Assim sendo, achamos muito difícil que Bartolomeu Marchioni (12), que tinha nessa ocasião tôda a sua atenção voltada para os magnos problemas relacionados com o comércio das especiarias e drogas do Oriente, fôsse desviar qualquer de seus navios que partiam para a Índia, de onde voltavam carregados de pimenta, canela, cravo e noz-moscada que valiam somas fabulosas, para mandá-los ao Brasil em busca de papagaios, macacos e pau-brasil.

Após a arribada de Cabral em Pôrto Seguro, não se conhece nenhum documento que, direta ou indiretamente, faça a menor alusão a ter Bartolomeu Marchioni se associado a qualquer expedição enviada ao Brasil antes daquela da nau **Bretôa**, armada por êle, pelo seu sobrinho Benedito Moreli, Francisco Martins e Fernão de Noronha, a qual partiu de Lisboa a 22 de fevereiro de 1511 para a "Terra do Brasil", de onde voltou com carregamento de pau-brasil, macacos e papagaios. Mas nessa época, êsse modo de agir de Marchioni se justifica. O comércio das especiarias e drogas do Oriente não mais constituia para êle uma espécie de monopólio, visto que D. Manuel tinha permitido que firmas alemãs, tais como as casas Függer, Welszer, Hockstetter, Hyrssfogel, Imhof e outras, também armassem navios e os incorporassem às armadas portuguesas que partiam para a Índia, a fim de trazerem aos mercados da Europa as preciosas mercadorias dessa região asiática.

Até aqui temos-nos limitado a contestar ter sido a expedição de 1501-1502 estipendiada por Batolomeu Marchioni de parceria com judeus conversos e comandada por Fernão de Noronha. Vejamos agora se ela partiu a mandado do rei D. Manuel, portanto à custa da Corôa.

(11). — *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, Lisboa, 1892, página 460.

(12). — Diz Jaime Cortesão (*Revista Portuguesa*, São Paulo, 1930, tomo I, fascículo I): "O grande conselheiro e auxiliar financeiro da empresa dos descobrimentos e da organização do comércio da Índia, durante os reinados de D. João II e D. Manuel, foi o florentino Bartolomeu Marchioni."

Pedro Mártir de Angleria diz que Vespucci

“navegou até o Antártico, muitos graus além da linha equinocial, com os auspícios e estipêndios dos portugueses” (13).

Giovanni Matteo Cretico, núncio de Veneza em Lisboa, na descrição que fez da viagem de Cabral ao Brasil e à Índia, mais conhecida por **Relação do Pilôto Anônimo**, enviada por Trevisan, secretário da embaixada veneziana na Espanha, ao almirante Domênic Malepiero, diz que de volta de Calicute para Portugal, a frota de Cabral encontrou-se em Cabo Verde **com três navios que o rei D. Manuel mandava para explorar o litoral brasileiro**. São estas as palavras textuais desse tópico da **Relação do Pilôto Anônimo**:

“Giongemo al capo de bona Sperâza il dí de Pascha fiorita; e de li dete bon tempo cõ lo quale attraversamo e venimo a la prima terra giõta cõ lo capo Verde imbessenicha e li trovamo cõ il navilli: e quel nostro re di portogallo mandava adischoprire la terra nova” (14).

Por sua vez Vespucci, na carta que de Cabo Verde enviou ao Medici em 4 de junho de 1501, declarou que:

“Voi arete inteso, Lorenzo, sì per la mia, come per lettera de’nostri Fiorentini di Lisbona, come fui chiamato, stando io a Sibilìa, dal Re di Portogallo, e mi pregò che mi disponessi a servillo per questo viaggiò nel quale m’imbarcai a Lisbona a’tredici del’ passato, e pigliammo nostro cammino per mezzodi...” (15).

Como já referimos, página atrás, Domênico Pisani embaixador de Veneza na Espanha, comunicou à Senhoria que as caravelas tinham sido **mandadas** em 1501 para explorar a “Terra dos Papagaios”. O emprêgo da palavra **mandadas** no tópico da comunicação de Pisani é bastante elucidativo porque, quem em realidade podia **mandar** uma expedição explorar o litoral brasileiro era sòmente o rei D. Manuel.

Admitamos, só para argumentar, que tôdas essas citações de documentos têm pouco valor para se poder afirmar ter D.

(13). — *De Orbe Novo* (Décadas del Nuevo Mondo), Buenos Aires, 1944, década II, livro X, capítulo I, página 189.

(14). — *Paesi novamente ritrovati e Novo Mondo da Alberico Vesputio fiorentino intitolato*. Edição facsimilar daquela de 1508, feita pela Princeton University, 1916, página 99.

(15). — Henry Vignaud, *Americ Vespucci*. Paris, 1917, página 403.

Manuel mandado em 1501 uma frota explorar a costa do Brasil como aconselhava Cabral (16). Mas quando deparamos com um documento, tal seja **um termo lavrado por tabelião público de Lisboa** que declara pôr o seu sinal público em testemunho da verdade, não podemos deixar de reconhecer que êle tem valor irrestringível para elucidar de uma vez por tôdas a questão em tela. Tal documento é um ato notarial de Valentim Fernandes, **tabelião público de Lisboa**, lavrado a 20 de maio de 1503, para acompanhar a imagem de um tupi e a pele de um jacaré, enviadas a Bruges por um mercador flamengo, ato êsse cuja cópia autenticada pertence ao célebre Códice de Conrado Peutinger da Biblioteca de Stuttgart. Dêsse documento consta a descrição sumária da viagem de Cabral ao Brasil e há um tópico referente à expedição portugûesa enviada ao nosso país em 1501, o qual diz:

“Passados dois anos, uma outra armada **do mesmo cristianíssimo rei**, destinada a êsse fim, tendo seguido o litoral daquela terra por quase 760 léguas, encontrou nos povos uma só língua, batizou a muitos e, avançando para o sul, chegou até à altura do polo antártico, a 53 graus, e tendo encontrado grandes frios no mar voltou à pátria”.

E depois de fazer referência aos costumes dos nossos selvagens, vem o fêcho dêsse documento que diz:

“E eu Valentim Fernandes da Morávia, tabelião público por ordem do mesmo rei de Portugal, li a carta presente diante da régia majestade, dos seus barões, supremos capitães e pilotos ou governadores dos seus navios da supracitada terra dos antípodas com o novo nome de Terra de Santa Cruz e **todos unânimemente a confirmaram** e eu coligi tudo isto dum livro escrito por mim, mediante a narração de dois homens da terra acima referida, e abaixo assinados, que durante 20 meses lá moraram e **afirmo que tudo é verdadeiro pelo que vi e me relataram**. Em testemunho do que aponho aqui o meu sinal público, a 20 de maio de 1503, por assim o ter escrito acima. Valentim Fernandes esta carta em verdade, etc.” (17).

(16). — “E perguntou (Cabral) a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, *para melhor a mandar descobrir e saber dela mais do que nós agora podíamos saber, por irmos de nossa viagem. E entre muitas falas que no caso se fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria bem*”. (Carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel, fôlha 6).

(17). — A. Fontoura da Costa, *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes*, 1939, páginas 91 a 96.

Segundo as cartas que de Cabo Verde e de Lisboa escreveu Vespucci a Lourenço de Pier Francesco de Medici, respectivamente em 1501 e 1502, a expedição partiu de Lisboa a 13 de maio de 1501, e após 64 dias de navegação, com parada em Cabo Verde para abastecimento, chegou a um ponto do litoral brasileiro de onde rumou para sudoeste acompanhando a costa, correndo cêrca de 800 léguas e atingindo 50 graus de latitude sul, de onde voltou a Portugal devido ao intenso frio.

Varnhagen (18) diz que o chefe da expedição,

“com o calendário na mão, foi sucessivamente batizando as diferentes paragens da costa, designando à posteridade o dia em que a elas aportava, do seguinte modo:

a 28 de agôsto no cabo de **Santo Agostinho**,
a 29 de setembro no rio de **São Miguel**,
a 30 de setembro no rio de **São Jerônimo**,
a 4 de outubro no rio de **São Francisco**,
a 21 de outubro no rio das **Virgens**,
a 1.º de novembro na baía de **Todos os Santos**,
a 13 de dezembro no rio de **Santa Luzia**,
a 21 de dezembro no cabo de **São Thomé**,
a 25 de dezembro na baía do **Salvador**,
a 1.º de janeiro no rio de **Janeiro**,
a 6 de janeiro na angra dos **Reis**,
a 20 de janeiro na ilha de **São Sebastião**,
a 22 de janeiro no pôrto de **São Vicente**”.

Henry Harrisse (19) apresenta uma outra relação de nomes, que damos a seguir, indicando os antigos mapas onde os colheu e declarando que êles provêm de uma única viagem, da expedição de 1501 da qual participou Vespucci. Tais nomes são os seguintes:

S. Roxho ou **S. Roque** (Cavério, Waldseemüller) 16 de agôsto,
Rio de S. Lena ou **S. Helena** (Cavério, Waldseemüller) 18 de agôsto,
Rio de S. Augustin (Cavério, Waldseemüller, Schöner) 28 de agôsto,
Rio de S. Jacinto ou **Iacinctus o martyr** (Schöner) 11 de setembro,
San Miguel (Cantino, Cavério, Waldseemüller, Schöner) 24 de setembro,

(18). — *História Geral do Brasil*, 3a. edição, Companhia Melhoramentos de São Paulo, volume I, páginas 93 a 94.

(19). — *The Discovery of North America*, Paris, 1892, página 335.

- R. de S. Ieronymo** (Cavério, Schöner) 30 de setembro,
R. de S. Francisco (Cantino, Waldseemüller, Schöner)
4 de outubro,
R. d'Virgine ou 11.000 Virgens (Cavério, Schöner) 21
de outubro,
R. de S. Lucia (Cavério, Ruysch, Waldseemüller, Schö-
ner) 13 de dezembro,
Serra de S. Thoma (Cavério, Waldseemüller, Schö-
ner) 21 de dezembro,
Baía de Reis ou Epifania (Cavério, Ruysch, Schöner) 6
de janeiro,
R. de S. Antonio (Cavério, Ruysch, Waldseemüller,
Schöner) 7 de janeiro,
P. de S. Sebastian (Cavério, Waldseemüller, Schö-
ner) 20 de janeiro,
P. de S. Vicente (Cavério, Ruysch, Waldseemüller,
Schöner) 22 de janeiro.

De acôrdo com Varnhagen e HARRISSE, quanto a ter a expedição de 1501 batizado as diferentes paragens da costa de conformidade com o calendário, estão Peschel, Sophus Ruge, Fiske, Luigi Hugues, Gallois e outros notáveis historiadores, ao passo que Duarte Leite (20) é de parecer que as datas não correspondem às descobertas.

Na nossa opinião, a nomenclatura do mapa de Cavério representa o resultado da exploração feita pela expedição de 1501. Se existem alguns nomes que parecem intercalados, dando-nos a idéia da vinda, quiçá, de uma expedição anterior àquela de que participou Vespucci, isso se explica facilmente, diz Magnaghi: os navios, devido provavelmente à mudança ou velocidade dos ventos, a temporais e outros fenômenos meteorológicos, nem sempre navegaram em conserva, mas distanciados uns dos outros, de modo que um ia denominando os lugares por sua conta. Assim, por exemplo, um navio navegando na frente teria descoberto a 30 de setembro um rio que batizou **São Jerônimo** e, um outro que tinha ficado atrás alguns dias de viagem, teria a 4 de outubro denominado êsse mesmo rio **São Francisco**. Depois ao serem recolhidas de cada capitão de navio as informações para o desenho dos mapas, elas se embaralharam e nomes foram sobrepostos.

Os mapas de Cavério, Kunstmann II e III, Pesaro, Waldseemüller de 1507 e Ruysch de 1508, indicam pelas nomenclaturas que a expedição foi até **Cananor**, posição esta situada aproxima-

(20). — *O mais antigo mapa do Brasil*, na "História da Colonização Portuguesa do Brasil", volume II, páginas 269 a 275.

damente a 25 graus de latitude sul, sendo provável que os elementos para o desenho desses mapas fossem colhidos entre pilotos portugueses. Mas no referido mapa de Pesaro a costa vai até 47 graus e no citado planisfério de Waldseemüller de 1507 a costa, apesar de não ter nomenclatura alguma, vai além de **Cananor**, ultrapassando 40 graus e atingindo cerca de 50 de latitude sul, com uma configuração aproximada da realidade. Na dissertação que o monge Marcos Beneventano acrescenta ao Ptolomeu de 1508, diz que a

“Terra de Santa Cruz vai-se estreitando até 37 graus de latitude austral e que a percorreram até 50 graus”.

No mapa de Ruysch do mesmo Ptolomeu existe uma legenda em latim na costa do Brasil, logo abaixo de Cananéia, cuja tradução é a seguinte:

“Navegantes portugueses observaram esta parte desta terra e chegaram até a elevação de 50 graus do polo antártico, sem chegar ao seu fim meridional”.

No globo de Lenox de 1510, de Bernardo Silvano (Ptolomeu de 1511), e no mapa de Strobnicza de 1512, a costa ultrapassa 40 graus de latitude sul, porém sem nenhum nome.

Todavia, a ausência de nomenclatura além de Cananéia, em direção ao sul, não é elemento suficiente para se negar ter a expedição de 1501, da qual participou Vespucci, atingido 50 graus de latitude sul. Devemos ter em mente que a linha de demarcação que passava na embocadura do Amazonas, segundo o mapa de Diogo Ribeiro de 1529, também cortava a entrada do estuário do Rio da Prata, a 35 graus de latitude sul. Isto explica porque **os primeiros mapas portugueses e de origem portuguesa**, não vão além de Cananéia. E’ que apesar de Vespucci ter explorado a costa muito mais ao sul deste pôrto, o governo português tinha naturalmente vivo interesse em ocultar que a costa se prolongava em direção a sudoeste, o que dava direito à Espanha, pelo Tratado de Tordesilhas, de reivindicar esse trecho de terra firme que, mais tarde, Magalhães verificou não ser pequeno.

Como já referimos, em Cananéia termina a nomenclatura nos mapas de Cavério, Kunstmann II e III, Pesaro, Waldseemüller de 1507 e Ruysch de 1508. Mas no do cartógrafo português de nome Reinell, a serviço da Espanha, desenhado mais ou menos em 1516, e no **Padron Real** de 1523 atribuído ao sobrinho de Amerigo de nome João Vespucci, existente na Biblioteca

Real de Turim, além de Cananéia existem diversos topônimos, todos de origem portuguesa, sendo que no mapa de Reinel termina a nomenclatura com o **cabo de Santa Maria** no estuário do Rio da Prata, ao passo que no **Padron Real** vai além, indicando o resultado da expedição de Fernão de Magalhães até o estreito. “Mutatis mutandis”, a nomenclatura do mapa de Reinel é reproduzida no de 1523, o que evidencia que os dois cartógrafos, pelo menos no trecho compreendido entre Cananéia e o estuário do Rio da Prata, obtiveram os dados na mesma fonte. Exceção feta da expedição de Fernão de Noronha ao Brasil em 1503-1504, que não atingiu altas latitudes sul, não se tem notícia segura (21) de qualquer outra expedição portuguesa ou mesmo espanhola ao sul, antes da de Solis de 1515. Assim é admissível que êsses cartógrafos tenham colhido os elementos para a nomenclatura de seus mapas, além de Cananéia, recorrendo a Vespucci, ou alguém que, participou como êle, da expedição de 1501.

No **Padron Real** de 1523, está assinalado pela primeira vez o pôrto de **São Julião**, cêrca de 49 graus e 15 minutos de latitude sul, onde Magalhães passou o primeiro inverno na região antártica, sendo que do seu roteiro consta que êsse pôrto está a 49 graus e 30 minutos. No calendário, o dia de **São Julião**, ocorre a 28 de fevereiro, ao passo que Magalhães entrou nesse pôrto a 31 de março. Por outro lado, o nome de **São Julião** não estava em uso naquela época na península ibérica, tanto assim que não o vemos em nenhum mapa desenhado por cartógrafos portugueses e espanhóis. Como Vespucci na expedição de 1501 chegou a São Vicente a 22 de janeiro e a 24 em Cananéia, tinha êle 35 dias para vencer a distância de 25 graus de latitude sul, que é a que separa Cananéia do pôrto de **São Julião**. Na sua viagem da costa de Venezuela a Haiti, diz Vespucci que em 7 dias percorreu 120 léguas, ou 7 graus e 30 minutos, isto é, um grau por dia. Portanto, navegando por dia pouco menos de 45 minutos, teria êle a 28 de fevereiro atingido o pôrto de **São Julião**, nome êste familiar aos florentinos e que Magalhães conservou. Devemos lembrar que, quando êste famoso navegante teve que

(21). — Discute-se ainda hoje se, realmente, em 1514 uma expedição portuguesa composta de 2 navios, a que se refere a *Newen Zeytung auss Pessillg Landt*, tenha ido ao Rio da Prata. Admitindo-se que essa viagem tenha sê realizado, seria difícil a Reinel, então a serviço da Espanha, obter minuciosas informações sôbre o percurso por ela feito e os portos em que tocou, de modo a tudo assinalar no seu referido mapa desenhado em 1516. Roberto Levillier (*America la bien llamada*), baseando-se principalmente na cartografia americana vetustíssima, é de opinião que a prioridade do descobrimento do Rio da Prata pertence a Vespucci que, como sabemos, foi figura de grande relêvo na expedição portuguesa enviada ao Brasil em 1501-1502.

enfrentar nesse pôrto a revolta chefiada por Cartagena, entre outros argumentos de que lançou mão para obrigar a maruja a obedecê-lo, foi o de que era necessário, pelo menos, ir para a frente tanto quanto tinha ido Amerigo Vespucci (22).

Por que, como diz Magnaghi (23), Magalhães não se recorrou de qualquer outro navegante, se outros tivessem atingido aquelas latitudes? Se Magalhães não estivesse convencido de que, efetivamente Vespucci tinha ido, plo menos, até 50 graus de latitude sul, teria a isso feito alusão?

Lemos alhures que, devido aos rigores do frio e à ausência de qualquer riqueza, não é possível que Vespucci tenha ido além de Cananéia, atingindo uma alta latitude austral. Essa alegação não procede porque, justamente numa zona frígida como é a Groenlândia, Terra do Lavrador, Terra Nova e adjacências, sem a menor aparência de riqueza, foi abordada por Caboto, Córtes Reais, Cartier, Verrazzano, Forbisher e outros navegantes que procuravam um caminho marítimo pelo norte da América para a China e Japão.

Seja porém como fôr, a maior prova de que Vespucci com a expedição de 1501 chegou a uma latitude muito mais ao sul de Cananéia está no ato notarial de Valentim Fernandes, tabelião público de Lisboa, já por nós citado neste ensaio, onde se diz que tal expedição atingiu 53 graus de latitude austral, de onde voltou a Portugal devido ao intenso frio.

Nós sabemos que os monarcas portugueses, a começar por D. Diniz, que contratou o genovês Emmanuel Pessagno e mais 20 oficiais da Ligúria para instrutores da marinha lusa, não só sempre aceitaram como até solicitaram a colaboração de estrangeiros para a realização de seus empreendimentos marítimos.

Vespucci antes de ser nomeado pilôto-mor da Espanha, cargo êste de grande responsabilidade, tinha o **pôsto de capitão**, como fácil é verificar-se de vários documentos existentes nos arquivos espanhóis (24). Isso evidencia que êle tinha sido, pelo menos na Espanha, comandante de navio, certamente na expedição que acompanhou, em parte, aquela de Hojeda de 1499. Os seus conhecimentos de cosmografia e náutica são atestados por seus contemporâneos. Pedro Martyr de Angleria disse que:

“João Vespucci, florentino, sobrinho de Amerigo Vespucci, acima citado, a quem seu tio deixou em herança a

(22). — Fernando Lopes de Gomara, *Historia General de las Indias*, Saragossa, 1555, capítulo 92.

(23). — *Amerigo Vespucci* (studio critico), Roma, 1924, volume II, página 224.

(24). — Navarrete, *obra citada*, edição argentina, volume III, páginas 295, 296 e 303.

perícia da arte de navegar e de calcular os graus” (25).

Sebastião Caboto, como já vimos, referindo-se a Vespucci, disse que êle

“era hombre bien experto en las alturas” (26).

Ora, estando o rei D. Manuel a par da capacidade cosmográfica e náutica de Vespucci, isso por intermédio do rico mercador florentino Bartolomeu Merchioni, como admite Jaime Cortesão (27), resolveu convidá-lo a participar da expedição que preparava para enviar ao Brasil a fim de explorar o seu litoral, como aliás aconselhava Alvares Cabral. Vespucci naturalmente aceitou o convite. Mas no desempenho de que missão? Aqui mais uma vez intervém a vaidade nacional dos historiadores portugueses que respondem com ênfase: daquela de **simples mercador** (28).

Certamente Vespucci gozava de prestígio junto aos Reis Católicos, pois além de ter sido agente dos Medici em Sevilha, tinha comandado uma frota espanhola que em 1499-1500 percorreu parte do litoral brasileiro. Assim sendo, não é admissível que fôsse deixar uma boa posição social na Espanha para arriscar a vida em uma expedição que, pela primeira vez, ia explorar terras e mares desconhecidos, sabendo de antemão que *ella* não passaria de **simples mercador**. Mas mercador para vender a quem, ou para comprar o que? Acaso a terra abordada por Alvares Cabral não era habitada por selvagens nus com abundância de macacos, papagaios e pau brasil inferior ao **verzino** que importavam do Oriente?

(25). — *Obra citada*, Buenos Aires, 1944, década II, livro VI, capítulo II, página 170.

(26). — Navarrete, *obra citada*, volume III, página 319.

(27). — *A Expedição de Pedro Alvares Cabral*, Lisboa, 1922, página 187.

(28). — A todo o momento os historiadores portugueses desejam saber onde Colombo, Caboto, Verrazzano, Vespucci e outros famosos navegantes, não de Portugal, aprenderam a navegar e a calcular latitude.

Antes de insistirem em tal pergunta, devem nos esclarecer onde e em que época, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Alvares Cabral e os demais comandantes das armas da Índia aprenderam a navegar. Frequentado a lendária Escola Naval de Sagres?! Castanheda nos informa que, antes da sua viagem de 1488, Bartolomeu Dias era almoxarife dos armazéns de Lisboa. Nada se sabe dos antecedentes de Vasco da Gama como nauta, antes da sua primeira viagem à Índia. Quanto a Alvares Cabral, não passava de um fidalgo sem nenhum conhecimento de navegação, tanto assim que a sua frota ficou reduzida à metade devido a naufrágios. A verdade é que os comandos das frotas portuguesas sempre foram confiados a fidalgos ou a pessoas de amizade pessoal do rei, sendo que a parte científica da navegação estava a cargo dos pilotos. Diogo Cão tinha como piloto Pero Escobar; Bartolomeu Dias contou com Pero de Alenquer, Álvaro Martins e João de Santiago; na frota de Vasco da Gama embarcaram Pero de Alenquer, Pero Escobar e

Foi Vespucci, de todos os navegantes do seu tempo, o que percorreu a maior extensão do litoral da América do Sul, visto que na expedição de 1499-1500 foi desde 6 graus e meio de latitude sul até a foz do Madalena, e na de 1501-1502, desde o cabo de São Roque até o pôrto de São Julião que fica bem próximo do estreito de Magalhães.

Referindo-se a Vespucci, o grande americanista Henry Vignaud assim escreveu:

“L'esquisse que nous avons donnée de la vie de Vespuce le montre, comme tout ce que nous savons de lui, sous un jour favorable. Il eut l'estime de tous ceux au service desquels il consacra son temps et ses aptitudes, ainsi que l'amitié de plusieurs d'entre eux. Il ne paraît pas avoir navigué avant son voyage de 1497-1498. Cependant, on ne peut mettre en doute qu'il eût de sérieuses connaissances cosmographiques et nautiques. S'il n'avait pas été versé dans ces sciences, les rois de Portugal et de Castille ne se seraient pas disputé son concours et on ne lui aurait pas donné dans ce dernier pays le poste important de pilote major, auquel incombait à l'époque une grande responsabilité”.

“En somme, bien que Vespuce ne fût pas un homme supérieur, capable, comme Colomb, d'occuper de premier plan, sa participation à la découverte de l'Amérique est considérable tant au point de vue des régions nouvelles qu'il reconnut qu'à celle des idées qu'il fit prévaloir. S'il est vrai que c'est le grand Génois qui lui ouvrit la voie, comme il l'ouvrit à Cortez, à Pizarre et à tous les conquistadores, il et également vrai que c'est à ce Florentin qu'appartient le mérite d'avoir compris que les régions nouvelles dont il était l'un des découvreurs ne faisaient pas partie de l'Ancien Monde. Alors que la conception colombienne de l'extension de l'Asie Orientale jusqu'aux Antilles entraînait nombre de cosmographes dans une voie erronée qui conduisait à de chimériques et stériles conceptions géographiques, l'idée vespucienne de la complète séparation des deux mondes maintenait les esprits dans la bonne direction et contribuait puissamment au développement normal des connaissances géographiques relatives à l'Amérique” (29).

Afonso Gonçalves. Da frota de Álvares Cabral, se destacavam como os mais competentes Pero Escobar e Afonso Lopes.

Vespucci não foi nenhum príncipe poderoso cuja vida podia interessar os biógrafos. Daí o pouco que sabemos dos seus antecedentes como náutico, à semelhança do que, como acabamos de ver, ocorre com os famosos navegadores portugueses.

(29). — *Obra citada*, páginas 203 e 301.

Para rematar.

A quem pertence a idéia de ser procurada uma passagem pela extremidade da América Meridional a fim de atingir as Molucas? Tanto Sophus Ruge (30) como Jean Denucé (31) são de parecer que ela pertence incontestavelmente a Vespucci. São opiniões valiosas, dada a erudição desses dois historiadores. Mas nós queremos, em vez de aduzir opiniões, citar aqui um documento de invulgar valor e acima de qualquer suspeita, provando que muito antes de Magalhães realizar a sua feliz viagem, o Florentino tinha já amadurecido o seu projeto. O documento é o despacho que o embaixador de Veneza na Espanha, de nome Francesco Corner di Fatino, enviou à Senhoria, datado de Burgos a 16 de julho de 1508. Nesse despacho existe este tópico:

“Almerico fiorentino, che è quello che va discoprendo le insule, mi ha deto... che ha havuto ducati 13 milia de tratte di dette insule, et che è per andare a provvedere de buone navi a Biscaglia, le quali tutte par le vuol fare investire de piombo, **et andare per via de ponente a trovar le terre che trovòno Portugalesi navigando per levante, et partirá infallantes questo marzo, nec alia**” (32).

Notem bem. Corner diz que Vespucci vai adquirir bons navios na Biscaia e revestir todos de chumbo, para com êles ir **pela rota do poente encontrar as terras que encontram os portugueses navegando pelo levante**, e partirá infalivelmente este mês de março.

O documento que acabamos de transcrever, como vemos, é de 1508, não faltando qualquer chauvinista que possa dizer que, antes dessa data, já se sabia em Portugal das possibilidades da viagem idealizada por Vespucci e realizada 12 anos mais tarde por Magalhães a expensas da Espanha. Mas História não são arriscadas conjecturas, mas sim documentos.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo — Sócio
Vitalício da Société des Américanistes de Paris, etc.

-
- (30). — *História da Época dos Descobrimentos Marítimos*. Tradução portuguesa por Manuel de Oliveira Ramos, Lisboa, página 407.
- (31). — *Magellan, la question des Moluques et la première circumnavigation du globe par J. D.* (Académie royale de Belgique. *Classe des beaux-arts. Mémoires*, 2 sér., t. IV), Bruxelles, 1911.
- (32). — *Raccolta Colombiana*, parte III, volume I, página 95.